

# Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor:

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 3 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

## UMA FIGURA NACIONAL QUE DESAPARECE

# Morreu hoje o dr. Brito Camacho

Não morre alguém todos os dias. Não separam em Portugal os valores íntegros, os homens perfeitos de carácter e inteligência fundidos num, bruto único. A morte de Brito Camacho corresponde a morte de alguém.

Personalidade que se viveu na vida portuguesa, através da política e das letras, por um traço original inconfundível, que não era o do desenho exterior de figura mas o do merecimento e da razão—Brito Camacho fez parte deste meio século agitado da sociedade que vive á superfície, e nela sonha, age, combate, e nunca se resigna á mediocridade, á estagnação da própria alma.

A sua morte, quasi inesperada, surpreendeu e comoveu. Impressionou mesmo—por que não afirmá-lo?—os seus adversários de ideias e de actos, esses adversários que todos os lutadores têm. Em Brito Camacho residiam defeitos, que todos os homens possuem e virtudes elevadas e pessoais que raros têm.

Austero e risonho, formal e tolerante, contraditório nunca consigo mesmo, coerente com a primeira palavra da novidade e com a última visão das coisas terrenas—o morto desta manhã, que falou pela Republica e pela Pátria, soube balizar-se (e não só com algarbes e combates), passou muito acima do nível médio dos homens do nosso tempo.

Político e crítico, visionário também, não se deixou levar pelos anos, não se deixou enganar pelo tempo, mas afirmou a sua responsabilidade.

Fora um homem raro, ascende ao topo das coisas puras da beleza e da inteligência superior dos espíritos. Político, de outro, político, homem de Estado, parlamentar e polemista, a sua vida não se ficou á utilidade imediata, mas foi suficientemente alta, e sobretudo digna, para da sua existência colherem exemplos.

Na vida política e na moral privada foi sempre assim.

No silêncio e aparente desalinho da figura do Chiado—foi encantador, como um diplomata do século passado.

O realismo que ele ajudou a fundar, e que desde os 15 anos defendeu, desenvolveu, além de outros inúmeros serviços, não mudou de tom, exemplo de honestidade moral, de fé de isenção política de pureza de carácter.

Choramos os seus defeitos; lamentamos a sua morte os que o não são ou nunca foram capazes de o ser.

### Na camara ardente

A morte de Brito Camacho foi imprevista. Não houve doença, quasi não houve agonia, embora tivesse ha duas semanas guardado o leito, entrara nos últimos dias, em franca convalescença. Ainda ante-onhem, pela tarde dourada, ele que era uma figura do Chiado, o atravessou, devagarinho, mãos atrás nas costas, segurando a sua velha bengala, dos tempos da propaganda, os bigodes erigidos e os cabelos fartos, hirsutos, sal-apimentados, caído em grandes repas do chapéu, descuidadamente amachucado. Cumprimentaram-no. Ele sabia ser cortês, quando o queria, unica maneira também de evitar as camaradagens excessivamente familiares. Ha tempos que trecara a Brasileira pelo Chiado, onde, entre uma roda de amigos, ele era o supremo oráculo da ironia literaria, politica e jornalística. Nunca se afastava muito da sua arteria preferida. Por vezes, subia a rua do Mundo,



Dr. Brito Camacho

sempre tinha pressa—até a Livraria Guimarães, que lhe editava os livros. Ali, com Ferreira de Castro, o falecido Delfim Guimarães, o actor Carlos Santos, João Quintinha, a poetisa Alice Ogando, Manuel Ribeiro, quando aparecia, e o jornalista Gomes Monteiro, ele fazia, em boutades faiscantes, a cronica maliciosa, terrível, demolidora, desta Lisboa—desde as redacções aos ministerios. Sabia tudo, e quando o não sabia, inventava.

Brito Camacho ha muitos anos que residia na rua Anchieta, numa velha casa pombalina, cuja frente deita para um dos lados da igreja dos Martires. A casa de Deus e a casa do ateu. Sobem-se uns degraus de pedra, de penumbra gelada, depois quatro patamares, e é, lá em cima, no segundo, á esquerda.

O politico vivia ali com a sua familia, irmãs e cunhados, mas com o seu feitiço agreste isolado, de contacto gracioso, escolhera duas dependencias: uma com porta independente, onde era o seu quarto de cama, e outra, contigua, onde tinha o escritorio. Tudo simples, com ar antigo de pobreza remediada.

No quarto de dormir, forrado a oca-verde, ha apenas tres moveis. A cama, onde faleceu, pequena, baixa, banal, de nogueira clara, um guarda-

fato, que devia ter pouco uso, de imagens e de chaves, e um *toilette*, apenas, com um pente e uma escova. Cortinas nas janelas, coando a luz do dia, e numa cadeira de angulo um busto dum garoto em gesso, a querer sorrir ironico.

No seu escritorio, ha tres estantes, com livros escolhidos, Vitor Hugo, Aquilino, Latino Coelho, um velho exemplar do *Mundo*, talvez com alguma diatribe contra ele, a biblioteca científica do Felix Alcan, tudo isto á trouxe-mouxe sem catalogação possível. Os moveis vêm abaixo com os livros, que pediam as cimbalhas, numa avalanche de titulos e de generos. A um canto um *canapé*, pouco cansado, com um cinzeiro e um quebra luz ao lado. A mesa de trabalho é vulgarissima, e quando lá fomos—já estava ocupada, com a folha tarjada dos pesames, e um tinteiro monumental, que não devia ser o do escritor. Este quadro, porém, o ultimo da sua vida intima, é um pouco ordenado pelos homens da agencia funeraria, não nos tira da visão, noutras horas, noutras épocas, o que eram aquelas duas quadras, com montanhas de livros que se desmoronavam, por aqui e ali, nas banquinhas de cabeceira, pelas cadeiras, sobre o leito, palpantes ainda de leitura.

A morte de Brito Camacho foi uma

coisa simples, duma grande dignidade humana.

Ele, que tantas vezes troçou dela, viu-a de perto, não em ansiedades torturantes, mas como um compromisso fatal da existencia.

Pela madrugada, precisamente, as 5 e 55, um sobressalto terrível fê-lo acordar. Já clareava. Resquícios de luz entravam pela janela. Chamou, aflito. Custava-lhe a respirar. As mãos, no peito, tentavam abri-lo. Era o coração, tumefacto, queixando-se da vida. A pressa, chamou-se o seu medico assistente, o dr. Martins Pereira, mas veio o sr dr. Ravara Alvares, que diagnosticou a angina pectoris. A crise foi demorada, uns trinta e cinco minutos. Camacho, na agonia, sentindo a morte a estrangula-lo, mas lucido, não fez frases. Limitou-se a olhar os seus, mais demoradamente a irmã, que ha pouco enviuvara. Escondiam-lhe as lagrimas, como se ele com o seu realismo implacavel, não as adivinhasse. Falavam-lhe, mas não respondia. Continha a dor. De resto, o medico que ele nunca quiz ser na vida, deve ter-lhe aparecido, no final, esclarecendo-o sem sombra de ilusão. Até que, pelas 6 e 20, no seu quarto modesto, entre as sombras dos parentes, a cabeça rolou na almofada, dum ultimo suspiro.

O cadáver inchou, a epistoma das mãos tingia-se dum azul negro, e a mascara, tumefacta, alargou-se. Um pequeno traco vermelho, na fronte, alta como uma torre, revoltas de cabelos, mal tratados, do bigode espigado, adensando-se nas commissuras dos labios, donde saia um fio de espuma. Nos sobrelhos terríveis, parecia ainda fulgurar um relampago de colera. Juntaram-se numa linha dura, enroscado.

Tiraram-no do leito e vestiram-no, com o *jacqué*, de ministro, colarinho mole e gravata preta, tudo enrugado e desajeitado.

Entrou na morte, como tinha andado na vida—com a barba por fazer e a inteligencia limpa de mentiras. A's dez horas começaram a chegar os primeiros amigos. Deu-se um arranjo ao quarto. Para o fundo da casa, havia lagrimas sentidas. Mas nem uma flor, o que seria talvez, profanalo. A morte sua, absoluta, rigida, sem decorações, nem convenções. Mais tarde chegava o caixão, forrado de chumbo. A mortalha foi um lençol de linho. Talvez fiado e tecido com as estirgas da sua terra. Por vezes, um fio de lagrimas vinha pelo corredor. Era uma mulher, com os olhos roxos, que se debruçava, piedosamente, sobre o cadáver, acarinhando-lhe os cabelos. Este homem, também tinha ternura, mas escondia-a como um crime.

Já depois do meio dia, entraram na camara ardente, o dr. Azevedo e Silva, grande figura da Republica, que pouco a pouco vai esquecendo, sombra augusta da lei, e o dr. Aresta Branco, amigo de Brito Camacho desde os bancos da escola. Ao encerrar o cadáver acometiu-o uma crise de lagrimas. Os seus cabelos brancos vergaram sobre a urna, como se um golpe á traição lhe licesse dobrado a cerviz alva.

Depois meteu-se para o gabinete de trabalho, e apoiando-se, numa estante, chorou toda a tarde, como uma criança, sem receio de que o vissem,

(Vêr continuação na pagina central)

# TEATROS E CINEMAS

## Sexta feira: "O Domador de Sogras"

Ha nomes que seria ridiculo crer de affectivos e dois deles são os das principais figuras do Variedades: Adelina Abranches e Lucilia Simões. Reunidas ambas na mesma companhia, a do Variedades, sob a direcção artistica de Erico Braga, ambas acabam de nos dar uma série de espectaculos deliciosos com a peça de Eduardo Schwalbach, A Bisbilhoteira. Na sexta-feira, as mesmas duas actrizes, primando de novo o cartaz da encantadora boite, do Parque Mayer, vão reaparecer ao mesmo publico que as aplaudiu na primeira obra, realizando outra, igualmente hilariante, engraçadissima, como aquela, capaz de fazer rir o mundo inteiro: O Domador de Sogras. Aprestem-se, pois, para a primeira que Lisboa nos oferece esta semana e preparem-se para fazer duas interpretações notabilissimas, Adelina, na sua velha criada Rita, que é um monumento de comicidade e Lucilia, na austera Marquesa de Riba Fresca, que é um assombroso de caricatura. Ao lado delas, um grupo fresco e moço de juvenludes, um nucleo de artistas consagrados: Maria Sampaio, Josefina Silva, Elvira Velez, Antonio Silva, Alfredo Ruas, José Gamboa e Henrique Pereira.

### Atrás do reposteiro

Os phenomenos do teatro!... Conhece-os especialmente quem lá vive dentro, ou quem por dever de officio por lá tem que andar. São curiosos, fatais, obedecendo não sabemos a que regra, mas sempre precisos na hora propria. Peça de que os artistas desdenham, que ensalem de má vontade, que profetizem um desastre, é peça vitoriosa, triunfante, de que o publico gosta, de que a critica diz bem. Peça proclamada antecipadamente um modelo de graça, ou um exemplo de beleza, é espectáculo no funão, ou penitencia que o empresario tem de cumprir até se redimir do... pecado. E o que succede com a peça succede, noutro phenomeno, igualmente curioso, com as tournées. Pode anunciar-se a primeira maravilha do mundo, mas se os empresarios da provincia não lhe sentem o cheiro, se percebem que nelas vai gato por lebre, nem respondem ás sollicitações dos seus organizadores, especialmente quando estes não têm categoria nenhuma.

—Vindo de Espanha e de uma larga digressão pelo nosso país, chegou a Lisboa o abastado capitalista sr. Vitor Fernandes, proprietario, no Rio de Janeiro, do Palace Teatro, acompanhado de sua familia.

—E' hoje que a companhia do Variedades vai a Setubal representar a comédia A Bis-

bilhoteira, no Teatro Recreio do Foyo, havendo naquela cidade grande interesse por este espectáculo.

—O grupo artistico masculino do elenco da companhia Hortense Luz, para a sua «tournee» pelo país, é formado pelos actores: Jorge Gentil, Octavio Bramão, João Silva Junior, José Vitor, Alfredo Pereira, Benecourt Ataíde e João Guerra.

—Ao contrario do que dizia um jornal de ontem, no dia 21 do corrente não chega ao Funchal a companhia Deolinda de Macedo, porque é nessa data que ella segue para aquela cidade, conforme noticiámos já.

—Beatriz Costa continua colhendo todas as noites a maior ovação da sua carreira de artista, na interpretação do Zagalo da Serra da Estrela, que realiza na revista do Tiindade, Lua Cheia, no quadro Pastores.

—Ragressou de Ferreira do Alentejo, levemente incomodado de saúde, o empresario Antonio de Macedo, que neste momento está preparando a temporada do Carlos Alberto do Porto.

—O capitalista dos teatros Apolo, Variedades e Carlos Alberto, do Porto, é o mesmo, sendo as três empresas dirigidas pelo sr. Antonio de Macedo.

—Por agora, a unica «réprise» incluída no repertorio que a companhia Maria Matos exhibirá este inverno, é a da comédia de André Bruun, A vizinha do lado, em que esta artista tem uma grande criação comica.

—Está em Lisboa Claudina Ferreira, uma das mais galantes «girls» do nosso teatro de revista, por ventura a mais castigamente portuguesa.

—Anuncia-se para breve o casamento de um novel escritor teatral, muito aplaudido, recentemente até, herdeiro de um nome glorioso do nosso teatro, lamentavelmente já desaparecido da vida.

—Vasco Santana para em tudo se afirmar um artista moderno, acaba de obter do seu empresario José Leureiro, qualquer coisa

que o tornará mais notado ainda, na popularidade de que goza em Lisboa.

—Regressa dentro de dias, de Moloto do Minho, onde lo iveranciar, o actor Clemente Pinto, contratado da empresa José Loureiro.

—A musica da fantasia O fim do mundo, que se encontra em ensaios no Coliseu dos Recreios, é toda original da autoria do dr. José Pais, antigo director do Orfeão de Coimbra, e de Anselmo Lopes Vieira.

—Nascimento Fernandes e Vasco Santana, ao lado de Amelia Pereira, são os três grandes comicos da comédia do Avenida, como Brumilde Judice é a protagonista ideal de Uma noiva para dois.

—Deve chegar hoje a Lisboa o empresario do Folliesma sr. Luiz Pereira, a fim de assentar definitivamente a exploração proxima do seu teatro.

—E' na proxima segunda-feira que se realiza, na Malveira, uma festa de homenagem á actriz Beatriz Costa, inaugurando-se um teatro com o nome da popular actriz.

—Faz hoje anos o bailarino Jaxon, ensenador brilhante de Lua Cheia e actual méteur-en-scène do Coliseu.

—Terão direito a gozar hoje, gratuitamente, uma das famosas atracções do Luna Parque as pessoas que adquirirem bilhete de entrada para o grande recinto da alegria e das diversões internacionais.

—No salão do Capitolio, além da revista «Arco Iris», exhibe-se o super-filme «O terror dos Cabarets». No terraço desta casa de espectaculos exhibem-se «O terror dos Cabarets» e «King-Kong, considerada a oitava maravilha do mundo.

### Radio-Electricidade

Na Associação Commercial dos Lojistas realiza-se hoje, pelas 21 e 30, uma reunião da classe de T. S. E., a fim de serem tratados assuntos relativos a uma projectada exposição de Radio, ou de Radio-Electricidade.

## COLEGIO VASCO DA GAMA

Av. Manuel da Maia  
Telegrams: Colegio-Lisboa  
Educação mora!

Arroios - Lisboa  
Telef. N. 2145  
Educação física

**CURSOS:** Primario, Liceal, Commercial e Agricola  
Excellentes resultados nos exames officiais

— As aulas reabrem no dia 10 de Outubro —

## Escola de Pedro Nunes

EXTERNATO PARA AMBOS OS SEXOS

R. SARAIVA DE CARVALHO, 216, 1.º

Uma atracção grátis hoje

**LUNA-PARQUE**

aos que adquirirem  
bilhete para o  
**NOITE POPULAR**  
Entrada: 1\$50

DOMINGO: Grande Festival Infantil. Matinée dedicada ás creanças

Os Bancos e Casas Bancarias que encer-

ravam o expediente para o Publico ás 16 horas,

passam, a partir do dia 24 do corrente, a fazê-lo

ás 15  $\frac{1}{2}$  horas prefixas, excepto aos sabados em

que se mantem o anterior horario.

Lisboa, 18 de Setembro 1934.

## REVOLTA DUMA TRIPULAÇÃO

que matou 8 passageiros

LONDRES, 19.—Informam de Kharbine á Reuter que os guardas manchus que se encontravam a bordo do vapor «Yinku» se revoltaram e mataram 8 passageiros, dos quais 5 eram japoneses, 2 coreanos e 1 chinês. Depois de terem lançado pela borda fora alguns passageiros e homens da tripulação, fugiram, não sem terem levado consigo grande quantidade de opio. O vapor ia para Kharbine. (Havas).

## A agitação grevista

nos Estados Unidos

BELMONT (Carolina do Sul), 19.—Em frente da fabrica «United Products Corporation» travou-se esta manhã um violento tiroteio entre os grevistas da industrial textil e a guarda nacional, em consequencia do que resultou haver um guarda morto e nove feridos, dois dos quais em estado grave. (United Press).

## Cutra revolução em Cuba?

LONDRES, 19.—Informam de Havana á Reuter que corre a noticia de que rebentou uma revolução em varios pontos da ilha. Forças de metralhadoras ocuparam os telhados do palacio presidencial. Todas as forças da guarnição estão de prevenção rigorosa. (Havas).

## Casal desavindo

O agente Luciano, da P. I. C., procede a investigações referentes a uma queixa apresentada pelo sr. Manuel Afonso, residente na calçada da Cruz da Pedra, 11, contra Maria Julieta Santana de Aguiar, com quem viveu maritalmente, e um individuo de nome Alvaro dos Santos, seu cunpilce no roubo de alguns milhares de escudos.

## Roubo de papeis de credito

O sr. José Teodoro Dias Soares, residente na rua Braamcamp, 11, 3.º, apresentou queixa na P. I. C. de que lhe furtaram com titulos da divida publica no valor de dez mil escudos. A Policia vai proceder a investigações.

## Acusações em carta anonima

A Policia está a proceder a varias diligencias acerca duma carta anonima que foi enviada ao sr. dr. Alves Monteiro, director da P. I. C., e na qual são accusados os proprietarios duma policlinica de Lisboa de terem praticado varias bulhas.

## CAMBIOS

| CHEQUE SOBRE         | Compra    | Venda     |
|----------------------|-----------|-----------|
| Londres ... ..       | 110\$05.0 | 110\$25.0 |
| Paris ... ..         | 1\$46.8   | 1\$47.0   |
| Madrid ... ..        | 3\$04.3   | 3\$04.7   |
| New-York ... ..      | 21\$98.5  | 22\$01.5  |
| Amsterdão ... ..     | 7\$26.1   | 7\$27.1   |
| Berlim ... ..        | 1\$90.8   | 1\$91.1   |
| Bruxelas ... ..      | 1\$22.6   | 1\$23.3   |
| Amsterdão ... ..     | 15\$19.0  | 15\$11.1  |
| Berlim ... ..        | 8\$89.2   | 8\$90.5   |
| Praga ... ..         | 8\$92.6   | 8\$92.7   |
| Mo de Janeiro ... .. | 1\$56.1   | 1\$56.4   |
| Líbra ouro ... ..    |           |           |

Tomam já

**TRANQUILINA**

To los os espectadores que já foram ao

**AVENIDA**

Rir e aplaudir a super-comedia

**Uma noiva para dois**

A unica em espectáculo inteiro

TODAS AS NOITES A's 9,45 horas

**LUA CHEIA**

Triunfo artistico equal aos grandes acontecimentos internacionais

A maior revista que Lisboa tem visto

Todas as noites — Duas sessões

**TRINDADE**

com a formidavel atracção mundial

**"L'INQUISITION"**



Bebam a melhor agua de mesa

**CASTELLO**  
MOURA

Dep. excl.: Rasil Vieira, Lda.,  
Rua da Prata, 51, 3.º — LISBOA

(Continuação da 1.ª página)

sinceramente, nobremente. Quando apareceu o dr. Ferreira de Mira abraçou-o durante largo tempo, com os braços crispados, raízes duras duma amizade velha.

Ao lado, o morto, no silêncio contido da casa, iluminado cruelmente pela luz do dia, ia já de viagem—essa longa viagem que ele nunca se importou de fazer, atrás dos sombrios caminhos da eternidade.

Durante a tarde, estiveram na residência do extinto numerosas pessoas de todas as categorias sociais, que apresentaram pesames á família. Receberam-se também ali numerosos telegramas de condolências.

O secretário geral do A. C. P. dr. Magalhães Domingues, esteve também na rua Anchieta, em nome da direcção daquela organização, a apresentar pesames.

### O funeral

O dr. Brito Camacho faleceu pelas 6 e 30, na sua residência, rua Anchieta, 13, 3.ª. A sua morte assistiram varias pessoas de família, e o sr. dr. Rarava Alvares.

Às 14 e 30 o corpo foi metido numa urna de pau santo, sobria, sem quaisquer labores, cerimonia a que assistiram numerosos amigos do falecido.

Amanhã, às 8 e 30, realiza-se a sol-dagem do caixão.

O funeral terá lugar às 10 horas prefixas, dirigindo-se para a Parceria dos Vapores Lisboenses, no Cais do Sodré. A urna atravessará o rio, num barco especialmente fretado pela família do dr. Brito Camacho, seguindo depois para Aljures, terra da sua naturalidade, onde ficará depositado em jazigo de família.

### O jornalista

Pode dizer-se que a carreira politica do sr. dr. Brito Camacho se iniciou por alturas de 1890. O ultimatum veio encontra-lo já em plena actividade, colaborando em jornais e convivendo com elementos destacados do partido republicano.

Militou sempre nas fileiras deste agrupamento, apesar de ser official do exercito, cirurgião ajudante dum regimento de artilharia e saber os dissabores que essa circumstancia podia arrecadar-lhe.

Propendo-se como candidato republicano pelo circulo de Beja, nas eleições de 1894, o ministro da Guerra de então, general Pimenta, casou-o com a pena dum ano de inactividade. Em virtude disso, abandonou o serviço militar começando a fazer clinica na sua provincia.

Entretanto a politica absorvia uma boa parte da sua acção, dedicando-se ao estudo dos problemas sociais com especial interesse.

Mas é a partir da fundação da «Luta», em 1 de janeiro de 1906 que o dr. Brito Camacho começa a desempenhar um papel de relevo na politica portuguesa.

Foi na rua da Atalaya a primeira redacção da «Luta». A administração do jornal, estava confiada a um amigo intimo do director, Antonio Ferreira e a chefia da redacção a Carlos Calixto.

Depois o jornal mudou para a rua Anchieta e finalmente para o Calhaz, onde esteve instalado também o Centro Unionista.

Sucessivamente ocuparam o lugar de chefe da redacção jornalistas illustres como Avelino de Almeida, Tito Martins e José Soares, tendo a seu lado alguns dos nossos mais distintos jornalistas. Entre os colaboradores contavam-se João de Menezes, que escreveu no jornal assiduamente, Antonio José de Almeida, José de Magalhães, Basilio Teles, Duarte Leite, Bettencourt Raposo, João de Barros, Emílio Costa, etc.

A sua influencia foi enorme, pode dizer-se mesmo decisiva, antes e depois do advento da Republica.

O jornal tinha características muito

especiais; a sua combatividade não excluía um grande brilho literario que lhe imprimia sobretudo a pena do director.

No artigo de fundo do primeiro numero, o dr. Brito Camacho escrevia, a maneira de programa:

«Torna-se urgente fazer uma larga sementeira de ideias, agitar questões, discutir problemas, aventar principios, formulas, hipoteses, criar enfim uma intensa vida de espirito, por tal modo que a politica portuguesa se não passe inteiramente, como disse Guerra Junqueiro entre duas aberturas naturais.

Por outras palavras: o que é preciso é lutar».

Assim se definia na imprensa portuguesa uma orientação nova e salutar cujas consequências seriam decisivas para a transformação da vida nacional e para a queda do regime.

A partir desse momento a sua colaboração na «Luta» é constante, de todos os dias, assinando com frequencia artigos de fundo e redigindo uma secção de comentarios cujo titulo «Ao de leve», se celebrou rapidamente. Outras vezes a secção publicava-se com o titulo «Ecos», mas a personalidade do grande republicano reconhecia-se facilmente através das suas notas ironicas e cheias de brilho literario.

Na «Luta» se fizeram algumas das campanhas mais energicas do periodo da propaganda democratica entre nós.

Ao accuso podem citar-se a que foi feita contra o conselheiro Schroeter, quando este tomou conta da pasta da Fazenda no gabinete Franco, a dos adiantamentos a Casa Real a dos Tabacos a dos Sabedores da Madeira, a da questão religiosa, a do convenio luso-transvaliano de 1909, etc.

Foi o dr. Brito Camacho que se encarregou de conduzir quasi todas essas campanhas, revelando-se em todas as circumstancias um dos maiores jornalistas politicos do seu tempo, polemista vibrante e adversario decidido para quem os problemas não tinham segredos.

Em 2 de junho de 1907 respondeu pela primeira vez na Boa Hora, accusado de ter ofendido o rei num «suelto» publicado na secção «Ao de leve». O tribunal era presidido pelo juiz dr. Horta e Costa, e dele faziam parte os juizes drs. Pina Calado e barão do Rio Sado. O defensor foi o dr. João de Menezes, tendo o sr. dr. Brito Camacho sido condemnado ao pagamento de cinquenta mil reis e às custas e sellos.

Em 12 do mesmo mes respondeu novamente por virtude de três artigos que haviam sido também considerados offensivos para o rei.

Era delegado do ministerio Público o dr. Trindade Coelho e o dr. Brito Camacho foi condemnado ao pagamento duma nova multa.

Em 18 de dezembro outro julgamento, mas desta vez foi absolvido tendo sido defendido pelo dr. Pedro Martins.

O dr. Brito Camacho depois da proclamação da Republica continuou a exercer a sua acção politica principalmente como jornalista. Os seus azares como ministro do governo provisório não o impediram de colaborar no jornal que iniciara e que dele principalmente vivia.

Alguns dos seus artigos politicos ficaram celebres pelo rigor da análise e pelo brilho da forma.

Em maio de 1915, quando as pretensões monarchicas começaram a fazer-se sentir mais vivamente escreveu dois artigos «Reflexões calmas» e «A situação politica em que exornha, com a sua habitual lucidez, as circumstancias que o obrigavam ao sétimo apoio do governo Pimenta de Castro.

No primeiro desses artigos ele afirmava:

«Muito a tempo os monarchicos deixaram ver o seu jogo. Não poderá ter illusões se não quem quiser iludir-se».

Quando a intervenção de Portugal na guerra escreveu varios artigos assinando-os Julio Gomes, nome com que já subscivera as suas produções jornalisticas em que se occupava de problemas internacionais.

O sr. dr. Brito Camacho que conduziu ainda uma campanha jornalística energica contra a situação sidonista, só abandonou a direcção efectiva da «Luta» quando partiu em comeco de 1921, a ocupar o cargo de sub-comissario em Moçambique. Depois disso ficou a substitui-lo durante algum tempo o seu grande amigo sr. dr. Ferreira de Lima até que em 1922 deixou de se publicar com regularidade.

Entretanto o sr. dr. Brito Camacho fazia-a aparecer, nos termos exigidos pela lei, para garantir o titulo.

Depois de regressar de Moçambique o illustre republicano colaborou, com certa assiduidade, em varios jornais, entre eles o «Seculo» e o «Diário de Noticias», escrevendo ultimamente crónicas admiraveis no semanario «O Diabo».

Dedicava um carinho muito especial as colectividades jornalisticas significando assim o seu muito amor a uma profissão que singularmente honrou. Em três anos successivos occupou o lugar de presidente da assembleia geral do sindicato dos Profissionais da Imprensa onde o seu conselho era sempre escutado com particular interesse.

### O propagandista republicano

A propaganda do ideal republicano no nosso pais ficou devendo ao sr. dr. Brito Camacho inextinguíveis servicos. Não foi apenas um dominio jornalístico que ele fez sentir a sua acção.

Em crónicas e em conferencias a sua voz fez-se ouvir muitas vezes, proclamando a necessidade de derrubar a monarchia ou a conveniencia de melhorar a Republica.

Ao mesmo tempo colaborou assiduamente nos congressos partidarios, primeiro nos que foram convocados pelo partido republicano e depois nos que reuniam os elementos marcantes de unionismo que chefiam.

Em maio de 1907 apresentou num comicio republicano, onde foi vivamente ovacionado, uma noção considerando evolucionado, uma moção convidando todos os cidadãos portugueses a pronunciarem-se quanto a forma de se prover a governação do Estado sobre a base da soberania nacional. Em julho do mesmo anno foi a Alpiaga fazer um importante discurso de defesa das ideias democraticas. Em marco do anno seguinte realizava uma conferencia em Alenquer sobre o mesmo tema. Depois em abril foi ao congresso partidario de Coimbra, em novembro a um comicio no Porto e em dezembro a outro realizado em Beja. Foi depois convidado successivamente pelo Comité das Caixas Economicas para fazer uma palestra sobre «Habilitações para operarios» e pela Associação dos Lejistas de Lisboa para falar sobre «Miséria economica e ruína financeira».

Em janeiro de 1909 nova conferencia no Centro Republicano da Pena e em maio assistiu ao congresso partidario de Setúbal onde foi escolhido o directorio encarregado de fazer a revolução.

Em junho falava num comicio em Viseu e fazia uma conferencia em Lisboa e em agosto tomava parte activa na organização das manifestações promovidas pela Junta Liberal. Este organismo tinha a sua frente o dr. Miguel Bombarda, grande amigo e admirador de Brito Camacho que recebeu as suas ultimas palavras e recebeu as suas ultimas indicações em 3 de outubro de 1910. O papel do dr. Brito Camacho na preparação do movimento revolucionario que impian-

teu a Republica pode considerar-se decisivo, dadas as suas relações com o chefe militar do movimento, almirante Candido dos Reis, e das amizades seguras e devotadas que tinha entre officiais do exercito e da armada.

### O homem de Estado

Homem publico—é o jornalista e o parlamentar, aspectos da vida politica de Brito Camacho, a que noutro lugar nos occupamos. Como homem de Estado o antigo director da «Luta», que muitas vezes foi homem de Estado sem occupar alto cargo, já pela sua visão dos acontecimentos nacionais (oposição ao processo de intervirnos na Grande Guerra), já pelas suas atitudes de chefe de partido—occupou dois lugares de destaque: ministro do Fomento do Governo Provisorio, em substituição do sr. dr. Antonio Luiz Gomes, lugar de que tomou posse em 24 de novembro de 1910, e de que se afastou quando esse governo presido pelo dr. Teófilo Braga apresentou a sua demissão, aprovada que foi a Constituição, e Alto Comissario da Republica em Moçambique, lugar para que foi nomeado em fins de 1920, era ministro das Colonias o sr. dr. Ferreira de Rocha, e para onde partiu em 25 de fevereiro de 1921, tendo dali regressado dois anos depois, chegando a Lisboa, para não mais tornar a Africa Oriental, em 26 de março de 1923.

Como ministro do Fomento, num periodo incerto em que a vida publica girava quasi toda pelos ministerios do Interior, da Justiça e das Finanças, a acção constructiva do sr. dr. Brito Camacho fez-se sentir, sem aldrés, em dezenas de diplomas ponderados, que saíram da sua inspiração, de entre os quais cumpre citar o relativo ao credito agrícola e ao ensino tecnico. Foram muitas e utilissimas, bastas vezes citadas por adversarios, as suas medidas concernentes a caminhos de ferro, transportes e obras publicas.

Publicado o decreto do direito a greve na «Luta», já ministro, bastas vezes o jornalista-homem de Estado aconselhou os operarios a não abusarem desse acto dignificante da Republica.

Como Alto Comissario a acção do dr. Brito Camacho, absorvida quasi sempre pelos negocios relativos a Convenção com a União Sul-Africana, foi, sem o notavel ou brilhante, digna sempre e fomentadora, devendo-se-lhe importantes servicos e a promulgação de medidas, cujos resultados mais tarde foram manifestos.

Ningum, mais do que o Alto Comissario de 1922, defendeu a soberania e a integridade dos direitos de Portugal na provincia de Moçambique. Tanto talvez, mas na tensão de relações com a União, o dr. Brito Camacho houve-se de tal maneira que nunca será demais o respeito, por esse facto, a memoria do illustre homem publico.

Antes de partir, em janeiro de 1921, e indo ao encontro de boatos que corriam, o Alto Comissario, ainda na Metropole, diplomaticamente dizia em publico:

«As relações entre a União Sul-Africana e a provincia de Moçambique, são optimas, e eu espero que elas se estreitarão, meçé de uma politica franca, leal, desassombrada, uma politica orientada pelo mutuo desejo de que a Africa, num futuro proximo, já não seja um continente a civilizar, por estar feita a civilização».

### Brito Camacho, escritor

A sua fortissima, vigorosa personalidade de homem de letras, um tudo nada irreverente, um quasi nada anatólica, pelo espirito, portuguez pela simplicidade, de uma probidade que a si propria se não exalta, contemplativa, e aqui e ali deliciosamente critica—humana, amavel, com leves-fios de ternura e uma nostálgica evocação da terra alentejana—fica ligada á historia das letras contemporaneas, uma obra ampla e séria, de onde se destacam tres ou quatro volumes, dignos de antologia.

### Retiro da Severa

LUVA PARQUE Aberto até às 2 horas

Contam hoje LEONILDE GOUVEIA, MARIA LUIZA, ALBERTO COSTA e outros, acompanhados por JOSÉ MARQUES e GORGONIO DE SOUSA

AL QUE DESAPARECE

realiza-se amanhã para Aljustrel

causou profunda impressão em Lisboa

Brito Camacho era um escritor por temperamento, um prosador por dignidade de escritor, um pensador por vício e virtude de inteligência. Mas não era o estilista de preconcebido talhe esvelto, embora o culto da linguagem nunca tivesse desaparecido da sua pena de artista, sem «atelier». Dir-se-ia reflectir a própria modestia da sua existência.

Os seus três primeiros livros, da mocidade agitada «Herança Morbida», «A Propaganda», «Dois crimes» — encontram-se esgotados. Não desdenhou nunca de ser o autor admirável da «Gente Rustica». Seguiram-se depois «Impressões de Viagem», «Ao de leve», «Nas horas calmas», «Por aí fora». E sucessivamente, enquanto as segundas edições apareciam, compôs «Pretos e Brancos», «Longe da Vista», «D. Carlos Intimo», «Gente Rustica», «Os amores de Latino Coelho», «A caminho de África», «Terra de Lendas», «Quadros alentejanos», «Jornadas», «Contos Ligeiros», «Gente Varia», «Contos e Sátiras», «Cenas da Vida», «Gente Boer», «Pó da Estrada», «Lourdes», «A questão romana», «Por cerros e vales», «Ferreiras», «A Reação», «A linda Emilia», «Mocambique», «De bom humor», «Materia Vaga», além de enorme colaboração dispersa e trabalhos jornalísticos, que foram muitas vezes obra de um homem de letras.

Nestas obras (e só numa ou noutra se afasta, como na «Lourdes» da sua missão de criador de beleza) Brito Camacho é de facto, um escritor, representativo do seu tempo.

Está a sair do prelo, e dentro de poucos dias o apresentará a Livraria Guimarães, o seu último livro «Contos Selvagens».

Desta obra queremos dar dois períodos do prefácio. Um que sintetiza o seu espírito sempre em «charme», artificialmente despreocupado:

«Conto viver um século, e como já entrei na casa dos setenta, o meu horizonte está reduzido a pouco mais de um quarto de século. E tempo suficiente para «coser» o que tenho «alinhavado»...  
Sabe-se lá quem é velho!».

Mas no cabo do prefácio — onde recordamos aquela «boutade» dele, que sabia bem o mal que o afligia, escreve:

«Estou na disposição de não fazer mais literatura, e parece-me bem por o que pode chamar-se a minha obra literária um ponto final com o resto da tinta que me sobejou...».

E noutro passo deste prefácio deixou escrito:

«Em vida não serei sócio da Academia senão por um decreto da Ditadura; mas depois de morto pode ser que me sujeitem a essa provação, contra a qual deixo aqui lavrado o meu protesto...».

«Contos Selvagens» — é África, visões de África, hora nacional que passa.

O testamento

O testamento do sr. dr. Brito Camacho, que tem a data de 30 de junho de 1934, encontrava-se depositado no cartório do notário Tavares de Carvalho. Esta manhã compareceu na administração do 2.º bairro um empregado daquele cartório, acompanhado do sr. Joaquim de Brito Camacho, irmão do falecido, e na presença das testemunhas srs. José do Vale de Matos Cid e José de Oliveira Vinagre, foi aberto aquele documento, cujo teor é o seguinte:

«Declaro que sou viúvo, orfão de pai e mãe, e não tenho filhos.  
Fui casado com D. Maria da Luz, filha do sr. dr. José Jacinto Nunes, senhora de

celas virtudes, que morreu aos dez meses de casada, deixando-me uma filha que lhe sobreviveu de poucas semanas. Não tornei a casar. Fiz sempre o maior empenho em evitar os filhos ilegítimos e morro com a certeza de o ter conseguido. Porque não tenho herdeiros forçados, segundo a lei, cabe-me a livre disposição de quanto possuo e dela uso neste meu testamento».

O sr. dr. Brito Camacho dispõe em seguida dos seus bens da seguinte forma:

Deixa a seus irmãos Joaquim de Brito Camacho e José de Brito Camacho, solteiros, residentes em Aljustrel, e a suas irmãs Ana de Brito Camacho, solteira, proprietária residente em Aljustrel e Maria Antonia Espada, casada com Manuel da Silva Figueiredo, proprietário, residente em Montes Velhos, as suas propriedades denominadas «Gavião» e «Poco Seco».

Deixa ainda a seus irmãos, tudo em partes iguais, dois olivais que herdou de sua mulher, situados um ao Paul e outro na vizinhança de Grandola, bem como a parte que lhe caiba nas herdades denominadas «Amendoeira» e «Azinheira», sitas na freguesia de Santa Margarida da Serra.

Legou a Misericórdia de Lisboa a propriedade de 111 títulos do empréstimo de 4 5/4 por cento em substituição do empréstimo de 6 1/2 por cento ouro, com a obrigação de dar metade do rendimento destes títulos, livre de qualquer encargo, vitaliciamente e pago em meses alternados, a D. Libânia Pereira, natural de Marinhola, residente na rua Anchieta, 13, 2.º E, a dona da casa onde o dr. Brito Camacho viveu e morreu. Se esta senhora morrer primeiro que sua irmã D. Albertina Pereira, com que actualmente vive, e se ao tempo da sua morte ainda viver a irmã, a esta se repartem a mensalidade estipulada nesta cláusula testamentária, mas deduzida a metade, também com carácter vitalício e livre de quaisquer encargos. Legou outros tantos títulos do mesmo empréstimo à Misericórdia de Aljustrel em plena propriedade, deixando expresso o seu desejo de que este legado sirva ou contribua para a criação de uma creche.

Legou aos seus amigos Aquilino Ribeiro, Manuel Ribeiro e Ferreira de Castro a propriedade de todos os seus livros publicados. Legou a Julião Quintinha a propriedade dos seus livros a publicar, devendo receber por cada volume de pelo menos 300 páginas, pagos por uma só vez 2.000 escudos.

Para satisfação deste encargo, o testador fez o respectivo depósito bancario. Deixa a sua pequena livraria à Universidade Popular Portuguesa, com sede na rua Luiz de Roriel. O testador deixa determinado que o seu particular amigo sr. dr. Ferreira de Mira, escolhido para si, sem limitação de tempo, os volumes que forem mais do seu agrado.

A cada um dos quatro filhos do dr. Augusto de Vasconcelos deixa 5 contos e igual quantia à pequena Tita, filha do sr. dr. João Pais de Vasconcelos. Estes legados são isentos de qualquer encargo. Deixa a D. Virginia Maria, filha do coronel Alberto Maia, a quantia de 10 contos, também sem encargos.

A João Rodrigues, antigo administrador da «Luz», deixa, livre de qualquer encargo, a quantia de 5 contos e metade desta importância a Tome, velho empregado de aquele jornal.

Aos seus afilhados Manuel das Neves e Elvira Cabral, deixa 1 conto a cada um.

A sua prima D. Mariana Assis de Brito e D. Maria Mendes Beltrão, deixa 100\$000 por mês a cada uma enquanto forem viúvas.

A sua afilhada D. Maria Henriqueta, filha do dr. Carlos Amaro, faz seu legado de 5 contos isento de encargos. Ao primeiro empregado, Raul, da livraria editora Guimarães & C.ª, deixa 3 contos. As acções e obrigações que possui de companhias e que estão confiadas à guarda do Banco Nacional Ultramarino, deixa-as a D. Beatriz Picolo. As quantias que tem depositadas em dinheiro nos Bancos Nacional Ultramarino e Lisboa & Açores, na Caixa Geral de Depósitos, na Caixa Económica do Montepio Geral, e na Caixa Económica da Cooperativa Militar, destina-as ao pagamento dos legados

que faz neste testamento.

O remanescente da sua herança será dividido em partes iguais pelos centros ou clubes republicanos de Lisboa, mas tão somente pelos que forem escolares, isto é, pelos que mantenham uma escola.

Os testamentários do dr. Brito Camacho são seu irmão Joaquim e o sr. Ulisses Canijo, aos quais deixa 10 contos a cada um, sem qualquer encargo, em reconhecimento do último serviço que lhe prestam.

A impressão no Porto

PORTO, 19 (pelo telefone). — Causou grande pesar nos meios republicanos do Porto, a notícia da morte do dr. Brito Camacho.

Em muitas colectividades políticas foi colocada a bandeira nacional a meia haste, logo que se soube do lutozoo acontecimento.

Dr. Manuel Brito Camacho

O Jornal «O Diabo» participa a todos os seus amigos e leitores o falecimento do seu eminente colaborador Dr. Manuel Brito Camacho, antigo ministro da República e alto comissário em Moçambique, saindo o prestito fúnebre às 10 horas da Rua Anchieta, 13-2.º, para a Estação do Terreiro do Paço.

Desfalque de 1000 contos

Foi preso ontem o aspirante de Finanças Henrique Joaquim Marques, por estar envolvido no desfalque de 1000 contos que há dias foi detectado na repartição de Finanças do 3.º bairro. Interrogado pelo agente Armelino e pelo chefe da 2.ª secção, o arguido declarou que fora ele que propusera ao seu colega Augusto Ferreira Junior e ao coadjuvante dessa esquadra, Carvalho da Silva, a forma de levar a efeito o referido desfalque.

Afirmou que apenas ficara com 30 contos, pois esteve na repartição desde 1929 a 1930, sendo transferido para Alameda data em que se desligou dos seus colegas.

Furto duma camioneta

O agente José Augusto, da P. L. P., procede a investigações no sentido de descobrir o paradeiro d'um indivíduo que fugiu com uma camioneta no valor de 15 contos, pertencente ao sr. Francisco Gomes da Piedade.

Proezas do «Cacau»

Foram hoje enviados ao tribunal da Esquadra José Francisco Duarte «O Cacau», João Mendonça, Jerônimo Eugénio Mendonça e Barbina Duarte Ramos, mãe do primeiro, todos endostrados, por se terem envolvido em desordem, agredindo-se mutuamente a facada.

O agente Alberto Cruz, encarregado das investigações, afirma que o autor da agressão foi o «Cacau».

Trucidado pelo comboio

MORTA. 19. — Entre as estações da Moita e de Alhos Vedros foi hoje trucidado, por um comboio, um mendigo de 74 anos, de nome Maximiliano Pacheco.

Conferencia Inter-Parlamentar

«BELGRADO, 19. — A Conferencia Inter-Parlamentar, presidida por Koutman Udi, presidente da Camara dos Deputados da Jugoslavia, terminou ontem os seus trabalhos. (Havas).»

Restaurante Roma

Este conhecido Restaurante da Rua do Mundo 100-104 serve no seu amplo salão almoços a Esc. 7800 e jantares a Esc. 8850.

Os melhores serviços em salas reservadas no primeiro andar. Recibe comensais. Telefone 2 1273.

O Porto

pelo telefone

As buzinas dos automoveis

PORTO, 19

É um abuso intolerável, que deve ser quanto antes evitado por quem de direito, o uso excessivo das buzinas dos automoveis, especialmente de noite, a horas a que a maioria da população está a descansar das fadigas diárias. Locais existem em que a estridência de certas buzinas é constante e não permite que se durma.

É mister que se evite de qualquer modo que a partir de certas horas os «klaxons» e buzinas incomodem a população, a maior parte das vezes sem grande necessidade.

Nos locais onde os automoveis fazem praça ou depósito, é velho costume chamar-se o «chauffeur» do carro que se pretende, premindo o botão da sirene. Isto fazem-no em geral os seus camaradas.

Desastre de viação

TERMAS DE S. VICENTE (Entre os Rios), 19. — Hoje, pela 1 hora da manhã, Joaquim Lopes Coelho, que se dirigia de motocicleta a Alverca, onde está a prestar serviço militar, ao ultrapassar uma camioneta de carga, a um quilómetro de S. Vicente, chocou com ela, despenhando-se por uma ribanceira.

O motociclista ficou muito contuso.

A GARRETT—Largo do Chiado, 9 e 11  
Almoços completos de 12 e 16 Escudos  
Jantares " " de 15 e 18 Escudos

Hoje penultima de «Arco Iris»  
sexta-feira estreia da revista  
«Jardim da Europa»

A empresa do Capitolo segue a norma simpática de proporcionar ao seu publico «espectáculos variados, mesmo os de teatro, não os deixando arrastar nem envelhecer. Assim, a bluette Arco Iris ali em cena, apesar de acarinhada pelo publico, vai ser substituída depois de amanhã por outra, de certo não menos interessante. O seu título sugestivo—Jardim da Europa—é uma promessa não compreensível, pelos nomes que a firmam: Raul Portela, o inspirado maestro e José de Meneses, pseudónimo dum conhecido escritor teatral.

Jardim da Europa tem quadros de fantasia e de comédia, incluindo duas cortinas cómicas encenadas por Pinto de Campos.

No despenhamento tomam parte as artistas Lina Democh, Herminia Silva, Cesária Henriques, Pereira Saraiva, Antonio Rosa e Octavio Matos, que nos apresentaram no «Baguinhos», «compêre» uma nova e enriquecidíssima encenação.

Os bailados da nova revista-sinha, realização de Piero, estão a cargo das «german-girls», um terno encantador de gentileza e formosura.

Na bilheteira do Capitolo já podem ser marcados bilhetes para a «premiere».

Companhia Sintra-Atlantico

A Companhia Sintra-Atlantico estabelece o seguinte horario para as suas carreiras de auto-carros entre Azenhas do Mar e Lisboa, (Largo de S. Domingos, n.º 11), com passagem por Praia das Maças, Colares e Sintra:

Nos dias uteis: partida de Azenhas do Mar às 8 e às 15,55 horas; partida de Lisboa, às 10 e às 18 horas.

Nos domingos e dias feriados: partida das Azenhas do Mar, às 8 e às 17 e 30 horas; partida de Lisboa às 10,30 e às 19,30.

Marcação de bilhetes e informações: rua da Praia, 122; telefone 2 5359.

Carros electricos a todos os comboios de Sintra e de Azenhas do Mar.

SORTES GRANDES

são a 3322,COSTA L.DA as vende

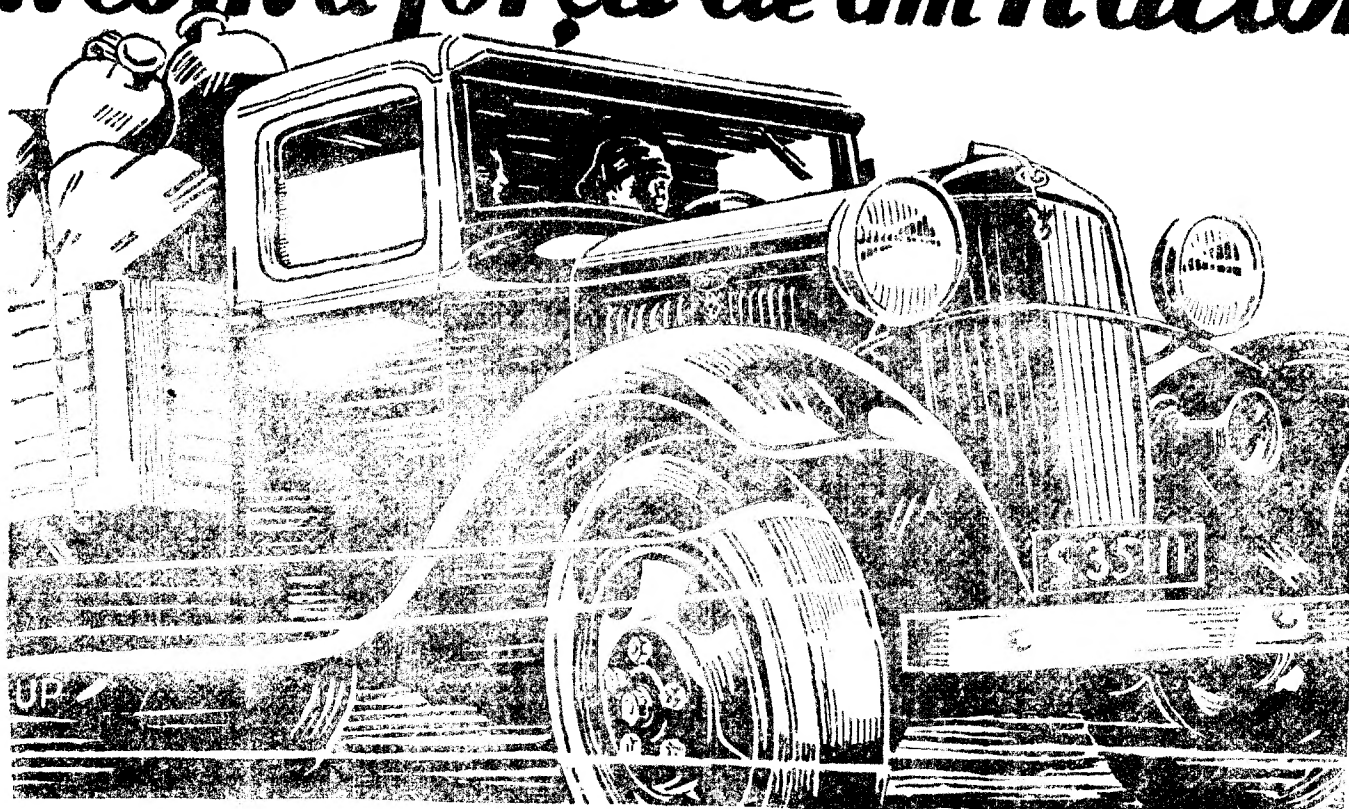
75 = Rua de S. Paulo = 77

RADIOS

STROMBERG — CARLSON

MARCA CELEBRE

# A velocidade de um Expresso... ...com a força de um Tractor



## O novo camião Ford

O Camião de Manutenção mais económica fabricado pela FORD

Neste chassis Ford V-8 encontrará V. Ex.<sup>a</sup> tudo o que um camião deve possuir.

Ford adicionou à força bruta de um motor potentíssimo, a velocidade característica de um expresso. Apesar de tudo, baseando o seu funcionamento num motor de 8 cilindros do tipo em V, com um novo carburador de tiragem dupla, Ford conseguiu o camião de manutenção mais económica, até hoje fabricado por esta Companhia.

Tem o Ford V-8 muitas outras características, tais como o emprego duma nova liga nas chumaceiras de bielas, evitando ajustes durante a vida do motor; eixo traseiro inteiramente flutuante, permitindo a mudança de semi-eixos sem descarregar o camião; pinhão do ataque com duplo apoio de rolamentos, etc. etc.

Peça já uma demonstração dos novos camiões de 8 e 4 cilindros, ao agente mais próximo.



O nosso plano de crédito facilitará a transacção.

Ford Lusitana - Rua Castilho - Lisboa - Agencias em todo o Pais

### CARTAZ

#### TEATROS

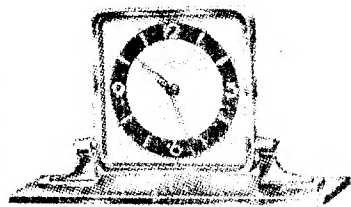
*Fernando*—A's 25 e 45 e 4s 25.—«Luz Chelva»  
*Atenção*—A's 21 e 45.—Uma noiva para dois.  
*Capitullo*—A's 21 e 4s 23.—Arco Iris e cinema.  
*Leva Parque*—Desde as 20 horas: Diversões internacionais.

#### CINEMAS

*Tirol*—A's 21 e 30.  
*Condes*—A's 21 e 15.  
*Odéon*—A's 21 e 15.  
*Olympia*—Das 14 e 30 às 24.  
*Palácio*—A's 21 e 30.  
*Chiado Terrace*—A's 21 e 15.  
*Pavilhão Português*—A's 21—Cinema.  
*Royal-Cine*—A's 21 e 15.  
*Jordão Cinema*—A. e J. da Alvares Cabral às 9 e 20.—Cinema.  
*Eden-Cinema*—R. do Alentejo, a Alcantara.  
*Promotora*—L. 20 de Abril, ao Calvario.

**Quer a sorte grande?**  
Habilita-se na tabacaria MADRID  
Rua do Mundo, 115

Leiam as quintas-feiras o jornal humorístico o «SEMPRE RIRE».



#### PARA ACORDAR A HORAS CERTAS

Os desper- Os desper- Os desper-  
tadores do **Torronçes** servem admiravelmente  
LINDOS MODELOS ACABADOS DE CHIAVA  
PARA TODOS OS PREÇOS  
119 - RUA DA PRATA - 123  
Telef. 2148

### CARPETES

Grande variedade  
Preços s'complicencia

Armazem de  
Moveis do  
Calhariz

Papeis pintados

Enorme sortido

PAIXÃO, CARVALHO, L.<sup>da</sup>

26 - Largo do Calhariz - 28

Sortes grandes?

na casa COSTA, LDA. as vende

60 - Rua da Prata - 62

ao PORTO vai o último

Rápido Especial de 2.<sup>a</sup> classe

em 23 - Domingo

Ida e volta - 70\$00

Bilhetes à venda na estação do Rossio.  
Informações na estação do Rossio (Escritório de Informações) e no Serviço de Tráfego da C. P. - Telefone 24031.

Está descontente com a sua dentadura artificial?

Quer uma modificação perfeita, segura e garantida?

Dirija-se ao cirurgião-dentista  
Eduardo Courreges Moreira  
Consultório: Rua de Campolide-60-1.  
Telefone N. 4126

### Empregado Português

Tendo habilitado Londres, Bruxelas e Berlim, falando, escrevendo inglês, francês, alemão, conhecedor indústria hoteleira turismo, com prática comércio geral e especial óleos, automóveis, oficinas, oferece-se dando melhores referências. Resposta à Agência Eva, R. da Conceição, 147, C. B. C.

### Sortes Grandes

na casa COSTA, LDA. as vende  
75 - Rua de S. Paulo - 77



**DORCO**  
Depositar: E. A. CATALLA  
R. de S. Paulo, 109 — LISBOA

# ESTRANGEIRO



**DORCO**  
A lamina do conhecedor

## A SITUAÇÃO DA LITUÂNIA dentro do acôrdo balcânico

KOVNO, setembro. — A iniciação em agosto último das negociações para um tratado de mútua colaboração entre os países bálticos marca o fim de uma série de importantes negociações, que se estavam tratando desde fevereiro último. O problema que dificultava as negociações era principalmente a questão de Vilna, que hoje se considera limitada exclusivamente a um problema entre a Lituânia e a Polónia. Esta exclusão do problema de Vilna do acôrdo báltico supõe uma grande concessão por parte da Lituânia, pois constitui o ponto central de toda a sua política exterior. A Lituânia não se conformaria com isto, senão em último extremo. Há que ter em conta, que a Lituânia não reconhece a fronteira actual com a Polónia, que não mantém relações diplomáticas com este país, etc. Foram levantados os rails do caminho de ferro, pela Lituânia, e o tribunal de Haia reconheceu este acto de protesto contra a Polónia, como ilegal. Outro problema de extraordinária importância para a Lituânia é a questão de Memel. É este um problema cultural pois pretende impôr as populações alemãs do território, os costumes e língua da Lituânia. A Lituânia conseguiu uma vitória quasi completa nesta questão, com a demissão do Directorio Alemão, com a anulação dos lugares alemães na Dieta e a demissão dos funcionarios alemães. Todas estas medidas se poderam adoptar depois da acusação de que o partido nacional-socialista preparava uma sublevação em Memel. Mas esta disputa repercutiu-se nas relações económicas da Lituânia com a Alemanha. A Lituânia quiz compensar a perda do mercado alemão com o inglês, mas tropeça com grandes dificuldades. As relações comerciais inglesas baseadas no commercio reciproco não podem prosperar com a Lituânia, que é essencialmente um país agrícola.

Ac mesmo tempo as grandes potencias e particularmente a França e a Russia exercem grande pressão sobre a Lituânia. A Polónia apesar da questão de Vilna procura também a amizade da Lituânia. Tudo isto tem produzido uma profunda tensão no interior da nação. O governo está constantemente sob a ameaça de um estado de guerra. O estado de espirito da população produziu alguns factos, como o da sublevação de uma secção da guarnição de Kovno, no mês de junho passado. O movimento terminou sem derramamento de sangue, graças à lealdade da Policia e da maior parte do exército, mas também, porque os organizadores do movimento não sabiam muito bem o que queriam.

Uma parte dos amotinados queria colocar no poder, Valdemaras. Outro sector tinha outros planos. A intenção, que terminou com a condenação a prisão perpétua do general Kunilinas e a de doze anos de trabalhos forçados a Valdemaras, fez cair o governo. Os dois homens mais importantes do novo governo são o ministro das Relações Exteriores, Lozoraitis e o ministro da Justiça, Schillingas. A politica da Lituânia prosegue duvidosa e certamente, nos proximos meses se apresentarão novos problemas tanto de ordem interna como externa. (United Press).

## Afinal qual é o melhor?

Nunca poderá V. Ex.<sup>a</sup> responder a esta pergunta, sem primeiro experimentar os pratos diários de especialidade e os Almoços e Jantares do velho Café Restaurant Suisso, que confeccionados no maximo cuidado e servidos com abundancia e por preços excepcionais podemos afirmar sem engano ser este o melhor restaurante da actualidade, que se deve recomendar a todas as pessoas de bom gosto.

**Quer a sorte grande?**  
Habilite-se na tabacaria MADRID  
Rua do Mundo, 115

## VOLTA A TRABALHAR-SE nas minas de prata de Arizona

NOGALES (Arizona), setembro. — Novamente se trabalha nas montanhas de Sonora, Mexico, nas minas de prata, descobertas pelos conquistadores espanhóis, na região que baptizaram com o nome de «A arca de prata do mundo».

Os mineiros mexicanos e norte-americanos, que folgavam de há muito tempo, voltaram de novo, com todo o ardor, ao trabalho, elogiando calorosamente o senador Key Pittman, autor do projecto da nacionalização da prata.

Para celebrar o ressurgimento das actividades, as duas cidades homónimas, Nogales, em Sonora, Mexico, e Nogales em Arizona, Estados Unidos, projectam celebrar a festa da «Prata» para comemorar a reabilitação da prata.

Estas duas cidades apenas separadas por uma rua, estarão profusamente adornadas de prata e negro, durante os dias dos festejos.

O senador Pittman será hospede de honra das duas cidades. A nacionalização da prata decretada pelo presidente Roosevelt fez renascer o optimismo em toda esta região fronteira. Muitas minas abandonadas já de há anos, por falta de mercado para a prata, já estão em actividade e os mineiros mexicanos e norte-americanos já inundaram o distrito. Um dos acontecimentos mais brilhantes da «Festa da Prata» será constituído por uma grandiosa cavalcada, na qual tomarão parte as autoridades mexicanas e norte-americanas, vaqueiros e cow-boys, belas moças mexicanas e belas senhoras norte-americanas. Assistirá também aos festejos o governador de Sonora, Rodolfo Elias Calles, que oferecerá um calendario azteca (dos antigos povoadores do Mexico) ao senador Pittman. (United Press).

## Marinha mercante inglesa

O novo paquete da Cunard Line

LONDRES, 19. — Conforme annunciámos, o novo paquete da Cunard Line será lançado á agua amanhã, na presença dos soberanos de Inglaterra. O casco do navio, que pesa 40.000 toneladas, levou quatro minutos a deslizar sobre o estado central que mede 2.000 pés de comprimento. Os engenheiros, porém, funcionam reduzir essa velocidade, para o que serão empregadas grandes correntes de ferro com o peso de 2.350 toneladas que aguentarão o navio. (Havas).

## Exposição de fotografias

LONDRES, 19. — Nas galerias do Real Instituto de Londres foi aberta uma exposição que mostra os progressos da fotografia desde há cem anos. (Havas).

O «Diário de Lisboa» vende-se no Estoril — Caminho de ferro.

## Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa

Avenida da Liberdade, 21-1.º

Tendo algumas classes e firmas comerciais, das mais modestas ás mais importantes da cidade, pugnado junto desta Associação pela obrigatoriedade do encerramento dos estabelecimentos para efeito de almoço e repouso, resolveu a Direcção, em sua sessão de 18 do corrente, atender a essas solicitações. Todavia, para bem representar a vontade do comercio da capital junto dos Poderes Publicos da Nação, solicita dos srs. comerciantes, contrários ao encerramento, que se lhe dirijam por escrito a manifestar as suas opiniões, até ás 21 horas do proximo dia 22. Os srs. comerciantes que assim se não manifestarem serão considerados em concordancia com o referido encerramento, habilitando, por este plebiscito, a Associação a pronunciar-se assim junto do Governo da Republica.

A. C. L. L., 19 de Setembro de 1934.

O Presidente da Direcção,  
Almeida Santos

**SUM** E' o melhor  
limpa  
metais

## AS INTENÇÕES PACIFISTAS do «fulgor» do Reich

BERLIM, 19. — Os jornais dizem que seria bom para a pacificação dos es-piões que as questões e atitudes alemãs fossem examinadas objectivamente e com paixão, como faz uma parte da imprensa francesa. A proposito registam com prazer o que escreve o jornal «L'Ouvreur» de Paris, acerca do discurso de Hitler, na recepção ao corpo diplomático. Diz aquele jornal que o «fulgor» mostrou mais uma vez querer relações estáveis e sinceras com as potencias estrangeiras, pois só mediante a estima e o conhecimento reciprocos os povos podem realizar uma obra grande, sob o signo da paz. Hitler quer que a bem do seu povo seja útil não só a Alemanha mas ao mundo inteiro e ao progresso pacifico da humanidade. «L'Ouvreur» conclui: «Hitler disse que deseja fazer da Alemanha o asilo inviolavel da paz. É preciso ter confiança no «fulgor» da Alemanha e acabar com a desgraçada desconfiança que separa os povos uns dos outros. (Americana).

## Os perigos do alpinismo

Sete turistas que desaparecem

BERLIM, 19. — Na passada semana desapareceram sete turistas — quatro homens e três senhoras — nos Alpes bavaros. Os seus cadáveres foram encontrados entre Schneiseckarspritz e o Dreitorspitze. Duas das vítimas eram alpinistas de nomeada: Rodolfo Leugender e Guido Langer. Os desgraçados foram vítimas de uma terrível tempestade que se desencadeou subitamente. (Americana).

## A representação portuguesa

no Tribunal do Sarre

GENEVBRA, 20. — Na sua sessão privada desta manhã, o Conselho da Sociedade das Nações nomeou o dr. Luiz Cabral de Moncada, professor da Universidade de Coimbra, juiz do Supremo Tribunal para o plebiscito do Sarre. (Havas).

## A expedição á Groenlandia

ROMA, 19. — A baleeira «Nielli», que conduz os membros da expedição italiana á Groenlandia e que se encontrava aprisionada pelos gelos, pôde libertar-se, indo a caminho de Reykjavik. (Americana).

## O estado sanitario da Inglaterra

LONDRES, 19. — O director geral dos Serviços de Saude, sir George Newman, no seu relatório anual diz que o estado sanitario na Gran Bretanha foi bom durante o ano de 1933. (Havas).

## A expedição ao Himalaia

BERLIM, 19. — Chegaram a Munich os sobreviventes da expedição ao Himalaia. Declararam que são muito importantes os resultados científicos que obtiveram. (Havas).

## O incendio do «Morro Castle»

Declarações do telegrafista de bordo

NOVA YORK, 19. — O telegrafista George Alagna, apontado por quasi todos os jornais como um verdadeiro heroi, disse que tomou o rebocador «Tempa» entre vários oficiais do «Morro Castle». Antes de chegar a terra e antes da visita das autoridades judiciais, appareceu a toda a força uma lancha que conduzia os advogados da Word Line, proprietaria do paquete, os quais deram instruções aos tripulantes sobre as declarações que deviam fazer. Alagna limitou-se a dizer que contaria toda a verdade. «Como as minhas palavras são comprometedoras — declarou — os officiaes e os advogados da companhia dizem que sou um homem de idéas avançadas, esperando assim diminuir o valor (Americana).

## Como os grilos da fabula

BUDAPEST, 19. — No mercado de Galatz envolveram-se em desordem os membros das familias israelitas Bergher e Tiff, devido a concorrência na venda de fruta e a odios antigos, por questões particulares. Entraram em acção pistolas e varas de ferro. No fim da batalha contaram-se três mortos, todos da familia Tiff. Os Bergher, em numero de quatro, foram conduzidos ao hospital. Pouco depois, um unico sobrevivente dos Tiff, de nome Sami, que lora a casa buscar munições, entrou como um relampago na enfermaria, para o que lançou por terra o pessoal, e matou a queimadura os membros da familia Bergher. (Americana).

## A viagem de Getulio Vargas

a Montevideo e Buenos Aires

RIO DE JANEIRO, 19. — Confirma-se que o dr. Getulio Vargas visitará brevemente Montevideo e Buenos Aires. Os jornais dizem que a proxima viagem presidencial terá um alto significado internacional, pois afirmará decisivamente a amizade e a união dos três grandes países sul-americanos — o seu desejo de progresso pacifico.

O dr. Getulio Vargas não fará apenas uma digressão protocolar. Ocupar-se-á de importantes assuntos que interessam á America do Sul e, reflexivamente, ao resto do mundo. (Americana).

## Viagem de principes

LONDRES, 19. — O principe Jorge de Inglaterra visitou ontem, em companhia de sua noiva, a princesa Marina da Grecia, quasi toda a região de Balmoral. (Havas).

## Os comunistas na Argelia

CONSTANTINA, 19. — Foi preso um grupo de comunistas durante uma reunião a que assistia o deputado Monjaunis, para a distribuição de manifestos revolucionarios. (Havas).

## INSTALAÇÕES IMPORTANTES

Trespasam-se esplendidas instalações (lojas) que serviram de escritorios e armazens de importante firma desta praça. A melhor situação no centro da cidade. Informa das 10 ás 17 na R. Figueiros, 80. Telefone 2 4283

Fibro-cimento nacional

## «LUSALITE»

chapas onduladas e lisas para revestimento de telhados e paredes

Depositaros geraes:

Corporação Mercantil Portuguesa, Ltd.  
R. do Alecrim, 10

Telefones N. 23948 e 28941



**N**OS primeiros dias de Outubro seguem para o Brasil as cópias destinadas à exibição de «Gado Bravo» naquele país, em dois dos maiores cinemas do Rio e men dos principais cinemas de S. Paulo. H. da Costa seguirá para o Brasil a bordo do «Graf Zeppelin», afim de assistir á estreia do filme e de inaugurar a Agencia H. da Costa do Rio de Janeiro.

# DOURO, FAINA FLUVIAL

por ANTONIO LOPES RIBEIRO

Não pode ter escapado aos espectadores mais incautos o facto do primeiro programa do Bloco H. da Costa ser exclusivamente constituído por filmes portugueses.

De facto, é o primeiro programa português: 100 por cento que passa nos cinemas do país. Ao lado de «Gado Bravo», filme de fundo—tirado do fundo do coração daqueles que o fizeram em Portugal, por artistas portugueses, passam nas telas do Tivoli e do São João.

*«Gado Bravo»* e os seus famosos carrilhões—curioso documentário, muito bem apetrechado e montado, em que a câmara de Manuel Luís Vieira foca os interessantíssimos aspectos da faina basileia joanina—e *Douro, faina fluvial*—um filme que qualquer país do mundo gostaria de incluir nos seus anais cinematográficos.

Revindico para mim o galardão de ter sido o descobridor desse excelente documentário português e a honra de ter sido o primeiro a apresentá-lo em publico, no espectáculo cinematográfico organizado no Cinema Central de Lisboa por ocasião do III Congresso da Crítica. Os congressistas, entre os quais figuravam algumas das maiores autoridades cinematográficas da Europa, ficaram positivamente deslumbrados. Emile Vuillermoz consagrou-lhe no «Temps», no «Excelsior», no «Candide» e no «Radio-Magazine» artigos mais que lisonjeiros. E, pessoalmente, afirmou-me que Manuel de Oliveira e Antonio Mendes lhe pareciam, a avaliar pela sua primeira obra, «os dois jovens cineastas mais dotados que, ao tempo, era possível apontar» (1).

A excessiva modestia dos seus autores e (porque não dizê-lo?) a incompreensão total da arte cinematográfica característica da grande maioria dos exploradores de cinema, fizeram com que o seu filme recolhesse apenas desde 1931 até à data. Os distribuidores e exibidores nem sequer o desprezavam: ignoravam-no.

H. da Costa, que só este ano viu o filme, teve ensejo de reparar, brilhantemente, esse deslize da colectividade e só o apresentou no seu programa de honra—o seu primeiro programa de filmes portugueses—e não pôde seguramente a dispo-

sição dos seus autores os aparelhos, os artistas e os técnicos do Bloco H. afirmam de que «Douro, faina fluvial», filme silencioso, se transforma num fonofilme moderno, com voz própria. O Prof. Luis de Freitas Branco, autor da música portuguesa de «Gado Bravo» e que dirigiu pessoalmente em Paris a sua sonorização, equipou expressamente uma paifuma destinada a acompanhar as imagens do filme de Manuel de Oliveira e Antonio Mendes. Se é certo que estes não poderiam ter melhor interprete, Luis de Freitas Branco não poderia encontrar mais digno tema a que aplicasse o seu talento.

Nós, os poucos que vimos o filme silencioso, podemos afirmar que grande foi o aumento de interesse espectacular que, sem prejuizo do seu nível artístico, lhe proporciona a felicíssima adaptação musical do Prof. Luis de Freitas Branco. A música, casando-se maravilhosamente com as imagens, evidencia o equilíbrio e a unidade do filme. Passando pelos mais típicos motivos do folclore nortenho e pelos mais arrojados e inteligentes temas de concepção moderna, a partitura do *Douro* veio enriquecer a obra dum Mestre a que faltava, na sua carreira dum ecletismo prodigioso, a consagração cinematográfica que conquistou agora com tanto brilho.

Apesar do handicap terrível da idade (os filmes envelhecem depressa, infelizmente), «Douro, faina fluvial» é uma revelação para o grande publico, que está farto dos malfadados «cem metros»—ou sem méritos. Apresentando-o ao lado de «Gado Bravo», H. da Costa dá mais uma vez prova do seu bom gosto, do seu espirito de iniciativa e da imparcialidade dos seus intuitos de produtor.

De facto, «Gado Bravo» é um espectáculo típico do sul. O Ribatejo, embora fique ao centro do mapa, é a mais meridional das nossas províncias. O seu «sangue toureiro» só pode comparar-se (e a seu favor) com a alma andaluza. Não é por simples matafóra que os aficionados chamam a Vila Franca de Xira a «Sevilha Portuguesa». Nós, que durante seis meses vivemos debruçados sobre o povo e a vida da «Borda d'Agua», compreendemos a justeza do epíteto.

Natural do Sul, como o autor destas

linhas te de Lisboa, o que é pior... H. da Costa está, como eu próprio me puzo de estar, muito acima das rivalidades, bañistas que aliam os certos aspectos da vida portuguesa e, notadamente, o cinema. São suas estas palavras, pronunciadas ao microfone da Rádio-Rádio, do Porto, em Agosto do ano passado:

«Um espírito progressivo que permite, muitas vezes, que o Porto seja um precursor no nosso país em certos ramos de actividade humana, como o foi, por exemplo, na industria do cinema, e uma energia na perseverança, um fogo interior que, sendo difícil de fazer alastrar a quem o não pode sentir, isola, por vezes, o Porto num grande facto de pé, dando lugar a que se forme, no Sul, a lenda do bañista português, que é afinal simples patriotismo, do mais puro, do mais acrisolado».

Manuel de Oliveira e Antonio Mendes são do Porto. A sua paixão pelo cinema, que tem neles dois dos seus mais fervorosos adoradores, leva-os, ha muitos anos já, a dispendir com ele somas consideráveis—espécie de tributo que esse deus terrível e venal não perdoa aos seus mais dedicados crentes.

Amadores, no alto sentido da palavra, produziram, sem ajudas de qualquer ordem, um filme silencioso que representa, sem duvida alguma, a mais alta expressão do cinema silencioso português, e uma das mais interessantes e mais sérias tentativas do chamado «cinema de vanguarda».

Contra o que pode imaginar-se, Manuel de Oliveira e Antonio Mendes não figuram—nem figuraram, nunca—entre os idolatras do «ângulo exquisito». Servidos por uma rara intuição, surpreenderam os mais íntimos segredos do cinema. Compreenderam que, num filme, cada coisa tem o seu lugar, determinado por leis ainda não enunciadas, mas a que não pode escapar qualquer composição cinematográfica digna desse nome.

Alguns trechos do «Douro, faina fluvial», são notáveis pela escolha dos ângulos, proporções e movimentos das figuras, e pela segurança da montagem.

Num livro que preparo, intitulado «A B.C. do Cinema», e em que procuro enunciar e discutir algumas dessas leis a que me refiro acima, foi com o maior prazer, e levado pelo mais elementar espirito de justiça, que citei o filme de Manuel de Oliveira e Antonio Mendes como um dos melhores exemplos que conheço da montagem «lírica» enunciada por Teherviakov e tão brilhantemente aplicada nos seus filmes.

A obra dos dois jovens cineastas portugueses filia-se sem favor na escola russa, ao lado, de tantos e tão curiosos ensaios que tive ocasião de admirar na A. R. K. de Moscovia (Associação Revolucionária do Cinema).

Mas o mais curioso é que nenhum desses filmes passou jamais em Portugal nem em qualquer outro país europeu onde os autores do *Douro* pudessem sentir-lhes a influência ou aproveitar das suas magníficas lições. Ahá, isso seria perfeitamente legítimo. E se o facto notar, é apenas para deixar íntegro, em toda a sua esplendida originalidade, o altíssimo valor de «Douro, faina fluvial», filme português.

ANTONIO LOPES RIBEIRO

## «GADO BRAVO» NO RIBATEJO

No Ribatejo, durante a filmagem de «Gado Bravo», a equipe do Bloco H. da Costa habitou, em Samora Correia, o Palácio que foi de D. Miguel e onde está hoje instalada a Companhia das Lezírias. No primeiro dia, quando os alemães souberam que estavam numa antiga residência real, não descansaram enquanto não viram, uma a uma, todas as salas e dependências.

Alguém, bom cicerone, mas fraco cultivador da lingua de Goethe, explicava para alemão muito relativo a utilização de cada quarto no tempo de El-Rei.

—Aqui, dizia, era o quarto do Sr. D. Miguel... Aqui, dormia muita vez D. Cordeiro Joaquim...

A visita continuou até que se abriu a porta dum cubículo.

—Aqui...—lá começar o nosso amor-vel guia.

—Perdão,—interrompeu Gärtner muito sério. Desta casa preciso eu para camera escura.

\* \* \*

Correia de Matos, administrador da produção, por várias vezes recebeu reclamações do caseiro da quinta do Farolho, que protestava contra o furto desordenado das uvas das vinhas, que guardavam a encosta.

Atribuindo muito belamente a guloseima dos vários técnicos e artistas hospedados na quinta as misteriosas desaparecimentos, Correia de Matos fez ao jantar um discurso severo. Todos protestaram. Nenhuma consciencia se accusava...

Mas as uvas continuavam a desaparecer, e olhos vistos...

Correia de Matos resolveu pôr-se a espreita para surpreender o gatinho em delicto.

—Onde, prendeu mesmo! Era um burro, o «Ficobro», que se adquirira para figurar em determinada cena do filme, e que, alias horas da noite, abria a porta da cocheira com os dentes, papava as uvas, e voltava para a cocheira, com o

ar de quem é incapaz de quebrar um prato!

Provou-se assim que os membros do Bloco estavam inocentes—e que os burros não são tão burros como se supõe.

\* \* \*

O Luis Nunes, fotógrafo do Bloco, além dum chapim mole que transformara em album de autografos, ocupava-se de outras coisas obsoletas. Por exemplo: convencer os camponeses, tão valentes e dedicados como ingénios, que o Arthur Duarte já tinha estado na America onde combatera contra os peles-vermelhas.

Um dia, como um criado chegasse tarde com os cavalos ao lugar da filmagem, Arthur Duarte, que era, além de assistente geral, a personalidade personificada, repreendeu-o asperamente.

Contra o costume, o criado ficou a resmungar. O Luis Nunes aproximou-se surraticamente e segredou-lhe ao ouvido:

—Você tem cuidado com o Duarte. Olhe que ele, uma vez, na America, matou quatro índios, a tiro e dois á facada, só porque tinham dito que ele não era fotógrafo...

E nunca mais se esperou pelos cavalos.

\* \* \*

Na primeira noite em que a equipe dormiu no palácio que foi do conde de Farolho, e onde a gente dos arredores diz que aparece a alma penada do fidalgo, Siegfried Aroo envolveu o corpo magro num lençol, pegou numa lanterna, e andou pelo jardim chamando com voz «do outro mundo»:

—Je suis le propriétaire du chateau!...

—Je suis le propriétaire du chateau!...

No dia seguinte, era voz corrente em Vila Franca que voltara a aparecer o fantasma do conde.

Não pode ser! Diziam os mais cépticos.

Vê-o com estes dois! Jurava uma rapariga da quinta. E ouvi-lhe a voz... Até falava «fantasma»!...

# O que o BLOCO H. e o que o seu segredo

A entrevista com H. da Costa publicada ontem pelo «Diário de Lisboa», pôs em ebulição, tal como já previsto pelo jornalista, o meio cinematográfico português.

Bastava o facto de tratar-se dum novo filme português para interessar o publico. Tratando-se dum novo filme português do Bloco H. da Costa, não é exagero dizer que esse interesse redobrava. Tratando-se do primeiro grande filme da Africa Portuguesa, produzido pelo Bloco H. da Costa—avaliasse o que a noticia representava.

Para perfeito esclarecimento do leitor, começaremos por dizer o que é e o que se propõe fazer o Bloco H. da Costa.

O Bloco H. da Costa, fundado em Abril de 1933 pelo português de que usa o nome, não é uma organização capitalista, companhia, sociedade, ou coisa que o valha. É única e simplesmente, um grupo—um «bloco»—de técnicos e de artistas que se reúnem sob a égide e a direcção de H. da Costa com o unico fim de produzir, a expensas do seu proprio esforço e apoiado, exclusivamente pelas disponibilidades de H. da Costa, filmes portugueses dignos desse nome. Isto que, apesar de ter, já sido dito o escrito em letra de forma, é ignorado pela maioria da publico, explica, justifica e enobrecer muita coisa que, ampliada pela lupa do boato, serviu de pretexto, durante a realização de «Gado Bravo», á evasqueira ociosa das esquinas.

Distingue-se no entanto o Bloco H. da Costa das «sociedades artisticas» habituais pelo facto de não ser constituído por um numero fixo e inamovível de pessoas, de funções e direitos permanentes.

Conhecendo como poucos a mecanica da produção cinematográfica, H. da Costa não quiz sujeitar a organização que fundou ás deficiencias incidentais de cada um dos membros do Bloco. Reservou-se portanto, com o aplauso incondicional de todos os seus colaboradores, o direito de dispor como melhor entendesse os quadros de técnicos e artistas necessários á concepção de cada filme, assegurando, é claro, pelo regulamento interno do Bloco, uma absoluta reciprocidade de garantias e de compensações.

Esta fórmula, que não nos repugna classificar de «vanguarda» no sentido social e economico do termo, permite que cada uma das produções que appareçam com a marca do Bloco H. da Costa sejam elaboradas nas condições mais favoráveis á sua perfeição.

Fundado o primeiro Bloco, tratou H. da Costa de apetrechá-la convenientemente, adquirindo aparelhos próprios de tomada de vistas e registo de som, assim como o restante material exigido pela moderna técnica de filmagem de «exteriores». Como Portugal não dispuzesse á data

## A FACHADA



Pela primeira vez em Portugal, um cinema decora no seu alicerce um filme cinematográfico, o «Gado Bravo». A esreita pode ser vista a planta com o gosto exquisito habido edificio da Avenida da Liberdade, a arcaizem. O resultado, de dia ou de noite, por esta fotografia de Luis Nunes (que foi frescura alician

**EM LISBOA**

é no

**TIVOLI**

que se exhibe

**todas as noites**

**GADO BRAVO**

**Matinées às 5.<sup>as</sup>, sábados e domingos**

# é DA COSTA e será um filme

Um estúdio nem dum laboratório comparáveis com a qualidade que entendia dever dar os filmes do Bloco H. da Costa viam-se forçados, bem contra sua vontade, a ir todavia ao estrangeiro os «interiores», revelando e montando também aí a película impressionada em Portugal. Mas podemos noticiar desde já que, a partir do seu segundo filme, o Bloco já não terá necessidade de deslocar-se para concluir as suas obras.

O que será esse filme? É essa a notícia que ontem o «Diário de Lisboa» deu em primeira mão aos seus leitores: O segundo filme do Bloco H. da Costa será o filme da África Portuguesa.

O primeiro grande filme da África Portuguesa. Para realizar esse filme, cujos exteriores serão completamente filmados em África, partirá de Lisboa, em Abril do próximo ano, uma expedição de 40 homens munidos de todo o material necessário às dificuldades filmagens no Continente Negro. Dispostos a fazerem vida de campanha, seleccionados segundo um critério especial, que exige que nenhum deles tenha ido nunca a África. Calcule-se com que frescura serão interpretados os maravilhosos quadros que ela oferece aos viajantes que ousam surpreender-lhe os segredos.

Essa expedição será composta, não só de um núcleo de técnicos e intérpretes cinematográficos, mas dum grupo rigorosamente seleccionado de artistas e cientistas, toda gente nova, que aproveitará das excelentes condições em que será feita a expedição para estudar tantas e tão curiosas coisas, quem sabe se irreparáveis.

Em Angola, para onde se dirige a expedição, aguardam a caravana um grupo dos mais distintos africanistas, entre os quais podemos dizer desde já que figurará o grande caçador Teodoro Cabral, conhecido em toda a África do Sul pela sua extraordinária perícia, a sua coragem, a sua espantosa cultura — Teodoro Cabral fala impecavelmente quatro idiomas europeus, africanos (a língua dos boers) e catorze dialectos indígenas. Essa falange de especialistas portugueses enquadrará os nobres seus compatriotas, acompanhando todos os trabalhos.

O sr. capitão Henrique Galvão, director técnico da Exposição Colonial, accedendo ao convite que lhe foi dirigido, não só dará todo o seu apoio à iniciativa de H. da Costa, como cedará o seu próximo romance, «Sul das Tropicas» para servir de argumento ao grande filme que se projecta.

O Bloco H. da Costa continuará mantendo assim aquilo que já estabeleceu: a luta em prol dos seus três grandes objectivos — Cinema, Publico, Nacionalismo.

## DO TIVOLI



na sua fachada de alto a baixo para receber a emulação do que se faz em Paris, Berlin, consideram-se auspiciosa. José Rocha cons- «pampanos» que actualmente cobrem o afeitando a linha, já de si felicissima da te, é surpreendente, como pode avaliar-se o fotografo do filme, e a que só falta a do colorido.

# AFIRMO-O, PORQUE VI!

por DOMINGOS MASCARENHAS

Quando em dia de Agosto passado assisti pela primeira vez no Tivoli, a exhibição do «Gado Bravo» quando vi succederem-se no plano branco as suas imagens maravilhosas, quando vi as suas cenas deslumbrantes, em quadros prantados de verdade de movimento, de vida, de beleza quando verifiquei a exactidão cinematográfica do mais perfeito documentar e a exactidão fotografica e cinematográfica, de cada plano quando vi enfim o «Gado Bravo» — não me espantei. Muita gente ficou admirada de que se pudesse fazer em Portugal um filme semelhante, tão certo, tão belo, tão perfeito.

Muitas pessoas ficaram embasbaçadas com o facto enorme que a produção portuguesa deu uma assentada, gerando repentinamente um filme tão bom como os bons filmes de produção estrangeira, em tanto tempo mais bem aproveitada e experimentada.

Mas eu nem me admirei nem fiquei embasbacado. É que era exactamente aquilo que eu esperava. E essa esperança não era filha dum confusão cega, dum confusão sem motivos, dum confusão que não podesse ser justificada e explicada.

Porquê? Simplesmente porque segui do principio ao fim a realização do «Gado Bravo», porque vi amadurecidas vezes a «equipe» do Bloco em plena laboração, porque assisti passo a passo ao esforço colossal de todos os seus colaboradores no filme, porque verifiquei a «de visu» e «in loco» a persistência, o minucioso cuidado, a disciplina, a caprichosa vontade de obter o maximo e o melhor de todas as pessoas que de qualquer modo contribuíram para que o «Gado Bravo» projecto fosse o «Gado Bravo» realidade.

Vi primeiro como o filme foi estudado, sob a orientação inteligente e diligente de H. da Costa. Observei que o plano de trabalhos fora minuciosamente elaborado, quer sob o ponto de vista da realização artistica, quer na parte respeitante ao conhecimento dos trabalhos. Já isso inspirava confiança porque desde o inicio que havia a presidir a realização do filme uma direcção consciente.

Vi depois a «tropa» do «Gado Bravo» partir em demanda das terras escaudadas do Ribatejo. Era um verdadeiro caravana, uma expedição autentica. Camions e automoveis atulhados de tudo aquilo que a primeira vista parecia indispensavel e de muitas mais coisas imprevisíveis: aparelhos, reflectores, praticaveis «chupões», caixas para «travelling», madeiramentos variados e de utilidade ignorada, malas, malinhas e maléas, pancheas e tachos, caixas de bolacha e de conserva, canas e coleções, calotes e mais calotes — um mundo de bagagens. Se os homens levassem espingardas nas mãos e capacetes de cortina na cabeça, dir-se-ia, que partiam para o coração da Africa a filmar um «Tender Horn» nacional.

Mas o caso não era para menos. Pude verificá-lo quando fui pela primeira vez a Samora Correia.

Julho ia em meio. O sol parecia que todo o dia estava «a pino», desde tão cedo e até tão tarde fugia dos olhos. A luzia era um forno — custava a respirar. Era plena desolação, uma mata entre um arvorel insalubre e um sobreiro escurado. Já nos encontravamos o grupo do «Gado Bravo» estocadamente instalado num arvorel improvisado. Os tendões trabalhavam trencos nus, e pela encres-

cida e escurida. O ar que parecia parado era quente. Os homens e as bestas estavam a suar. Dois bois tinham morrido. A tarde não vinha, a noite não vinha, a manhã não vinha. O grupo não parava, estivesse o tempo bom ou mau, e rigorosamente exacto.

Não neste ambiente doloroso, nestas condições ventosas, que a «tropa» do «Gado Bravo» laboura mais de um mês, humilhantemente. Nada poderia durar mais de um mês, e a vi habitar.

As exigências do guião tornam-se mais e mais arduas. Todos foram vendidos com um sorriso nos labios, no intervalo de dois dias de espirito. A cena da morte do automovel desencabreado pela estrada de campo custou a toda a gente dias e dias de aturada e de «Oly» e de «Oly» contos e de «Oly» por ter sido cuspidos do carro em plena filmagem.

O Raul e o Artur viram-se em tratos de polo com os touros que tiveram de lidar. Ambos saíram das perigosas lutas, mas só por indagação não foram feridos. Mas ambos faziam das tripas coração, com tanta naturalidade que de-se-ia nunca terem feito outra coisa na sua vida senão lidar com cavalos e gado bravo.

E sempre que era preciso fazia-se a mesma coisa vinte vezes ou quarenta, ou panhem-se todas a pé de noite ainda para estarem no local de filmagem ao romper do sol, algumas, de velozes, alistado do aempimento léguas e leguas. Uns poucos de dias deslocou-se todo o grupo para a zona de quilómetros para lá de Azambuja só para filmar uma cena que no filme dura segundos apenas.

Um mês inteiro perdeu-se em Alentejo por causa do mau tempo. Todos os dias partia a caravana de Vila Franca de Xira, ao romper do dia, e so regressava ao Fátima noite fechada. Os dias gastaram-se nas «aguas» em Alentejo, numa expectativa arrebatante, com tudo a postos. Durante mais de vinte dias o sol negou-se a aparecer. E durante esses vinte dias todos almoçaram «sandwiches», «croquettes», ou «acépiques» semelhantes,

mas não foram a deshonra, por o automovel dos amanhados ter uma «panha» na a espinheira do Fátima um «chico». Mas ninguém se quebrou, ninguém pensava sequer em se im- pender.

Em todo o tempo onde os trabalhos im- pedia-se viam complicitas as crises de «travelling» os planos. Assim du- rante a filmagem da cena do es- tamento, o povo das Cebrenas, uma adega tão preciosa como bárbara, re- fuzado por ver a sua terra servir pa- ra uma «miseranda» sabiou-se e co- mencei a realização dos trabalhos. Se a costa de um «desempenho» e pa- ciente se conseguiu uma relativa acol- hida dos milhes, que permitiu a fil- magem.

Depois, em Paris, a «tropa» do Bloco H. não voltou a produzir um má- ximo. Ai não esteve. Mas li muito cor- respondência particular que me per- suadiu de que, no estúdio de Neuilly, as coisas se passaram exactamente como em Samora em Fátima ou em Alentejo.

Enquanto o grupo dos técnicos e artistas se esbafava desta maneira numa ansia dignificante de bem servir, enquanto os dirigentes do Bloco se arrastavam, sentados as suas secre- tarias, a braços com uma tarefa es- gotante de direcção e administração, havia quem pelos cafés e pelas re- dactões, pelas tertulias e pelas esqui- mas, se empenhasse em organizar mas vontades, em esgarhar bonitos sorrisos, em intrigar e mexer, e, para outra coisa persistente, mas esta, com a beleza nem grandeza.

Até isso se venceu. E o filme foi apresentado ao publico, que logo na noite de gala caprichou em distingui- lo com o entusiasmo dos aplausos e das chamadas e o consagrou em se- guida com uma affluencia fiel e segu- ra as bilheteiras do Tivoli e do S. João.

E é porque não na «tropa» quando verificamos que o «Gado Bravo» era o filme que é. Eu vi como o filme foi realizado. Sabia com que superior crí- tica H. da Costa dirigia a sua pro- dução. Assistia dia a dia a sua li- boriosa eudada, paciente e laboriosa. A minha velha amizade por Antonio Lopes Ribeiro e uma accidental li- gação com o Bloco H. da Costa propo- zionaram-me seguir a par e passo a

(Ver continuação na 4ª pagina)

## «GADO BRAVO» EM PARIS

No estúdio de Neuilly, o homem da «tropa», que amanhava os números dos planos, não havia maneira de ac- ceder, não só com a pronuncia, mas nem mesmo com a ordem das letras de «Ga- do Bravo».

Logo após as vozes sacramentais: «Adesce! On tourne! Moten!» — era fado ouvir, antes do «start», uma das seguintes variações:

— Raul! Gado...  
— Bravo Gado...  
— Bravo Bravo...  
Etc.

Como os «representantes» não eram na- tivos, nunca ninguém se dispôs a per- der dez minutos para ensinar o homem. Todos se habituaram a ouvir as suas fantásticas linguagens.

No ultimo dia «filma-se» uma das cenas no quarto do hotel, com o «pro- si» habitual dos estúdios, no meio do si- lêncio geral, com os actores e as ac- trizes e os «representantes» a voar, do homem que a par e passo a par...

Gado Bravo...  
Sua certa pela pronuncia, e a to- tal a surpresa, que interrompeu um «ma- de» de riso geral, tendo a filmagem que ser interrompida durante um bom pu de mi- nutos.

\* \* \*

Raul de Carvalho e Luis Nunes for- ram, tanto em Portugal como em Pa- ris, excelentes companheiros. O Nunes, com o seu optimismo troista, acirrava constantemente o Raul, que também não é péco, e fazia virar-se na prancha ocaído.

Uma noite, quando alguns membros do Bloco assistiam, encasacados, a um espectáculo de gala no Teatro dos Cam- pos Eliseos, Raul de Carvalho resolveu vexar o seu inseparavel, E, dirigido-se

ao grupo, declarou, com um ar cho- rado:

— Este Nunes é impossivel! Faz fias- cos sobre fiascos. Imaginem: dá os «bons dias» à noite e só entra pelas «sorties»!

★ > ★

A estadia em Paris foi menos fértil em aneddotas que a permanencia do Bloco no Ribatejo. Por isso, desmentindo o tí- tulo, como com os «bons dias» pas- sados nas margens do «Camões» Tejo.

\* \* \*

Para filmar a cena da libertação, vieram muitos de Lisboa, que um auto-bus le- vou ao do alto da colina onde o «Lap- se» havia instalado uma autentica pon- te para fazer um «travelling».

Depois de se ter feito a primeira to- mada de visões e de sons, um dos mu- sicos — o flautista — tomando uma attitude recatada, que os seus colegas foram os primeiros a condemnar, declarou imman- te que se continuava a tocar se lhe pas- sassem a hora — já não nos lembra que exagerada quantia.

Como era impossivel substituí-lo, — a tanto, afluencia se estava de Lisboa e até de Vila Franca — Max Nosseck, ofe- recer-se para o convencer.

Por gestos, com sorrisos e festas de- dadas a entender que pagaria do seu bolso uma choruda gratificação.

Vendo que a sua triste manobra dera resultado, o homenzinho voltou a somar na flauta — e a cena foi gravada até ao fim.

Terminada a filmagem, o cavalheiro aproximou-se de Nosseck, todo mesuras, para receber o prometido. Mas Nosseck, israélita em por cento, olhou-o de alto a baixo e disse-lhe apenas com um ar- nho complice:

— Eu «também» sou judeu...

**NO PORTO**

é no

**S. JOÃO**

que se exhibe

**todas as noites**

**GADO BRAVO**

Matinéas às 5.<sup>as</sup> e domingos

**Visado pela Comissão de Censura.**